

CORREIO NO MUNDO

Josh Valcarcel/ NASA



Os quatro membros da tripulação estão em quarentena

Nasa marca lançamento da missão Artemis II para abril

A Nasa anunciou para o dia 1º de abril a primeira oportunidade de lançamento da missão Artemis II, que levará astronautas para uma viagem ao redor da Lua pela primeira vez após mais de meio século. Se o voo não der certo, por causa das condições climáticas, uma nova tentativa pode ser feita no dia seguinte, ou enquanto estiver aberta a janela de lançamento. Os quatro astronautas - uma mulher e três homens começaram a quarentena pré-lançamento nesta quarta-feira (18). A chegada ao Centro Espacial Kennedy, na Flórida, Estados Unidos, está prevista para o dia 27 de março. Para o cronograma dar certo, o foguete Artemis II será levado do Edifício de Montagem até a Plataforma de Lançamento nesta sexta (20).

Missão mais distante desde Apollo 13

Esse trajeto até a Plataforma de Lançamento leva 12 horas para ser feito, e a Nasa vai transmitir a transferência do foguete ao vivo.

Além de ser o primeiro voo tripulado em direção à Lua em mais de cinco décadas, a Artemis II deverá bater marcos inéditos para a exploração espacial.

Será a missão que enviará humanos para mais longe do que qualquer pessoa chegou desde a missão Apollo 13.

NASA/Joel Kowsky



Missão Artemis II vem enfrentando várias remarcações

Chance de sucesso é maior que o risco

Em coletiva, o chefe da equipe de Gerenciamento da Missão, John Honeycutt, enfatizou que, embora exista um risco histórico associado ao sucesso no lançamento de voos tão espaçados - o lançamento da Artemis I foi em 2022 -, a probabilidade de sucesso é melhor que o risco da primeira missão. Enquanto a tripulação percorrer a órbita da Lua a bordo da espaçonave Orion, qualquer pessoa com acesso à internet poderá rastrear a localização dos astronautas, incluindo a distância da Terra, a distância da Lua e a duração da missão, que será de dez dias até o retorno para a Terra.

Missão vem sofrendo com remarcações

Em fevereiro, a agência espacial tomou a decisão de remarcar o lançamento para março, após o ensaio concluído na terça-feira (3 de fevereiro) no Centro Espacial Kennedy, na Flórida, nos Estados Unidos. No teste houve a identificação de problemas, entre os quais vazamentos e quedas nos canais de comunicação.

Por Gabriel Brum (Agência Brasil)

Brasil e Cuba

O governo brasileiro doou mais de 20 mil toneladas de alimentos a Cuba, que enfrenta uma crise econômica e humanitária agravada pelo bloqueio à importação de petróleo imposto pelo presidente dos EUA, Donald Trump. As doações acontecem por meio do programa de alimentos da ONU e ainda não chegaram ao destino.

Alimentos

São 20 mil toneladas de arroz com casca, 150 toneladas de feijão preto, 150 de arroz polido e 500 de leite em pó enviados ao país caribenho, totalizando 20,8 mil toneladas de comida. Os números foram fornecidos a jornalistas pelo Ministério das Relações Exteriores. O Brasil também tem feito doações de remédios.

Medicamentos

No caso dos remédios, a logística é mais simples porque os produtos são menos volumosos e vão de avião, em vez de navio. Cuba enfrenta uma de suas mais graves crises econômicas e humanitárias desde a revolução de 1959, agravada pelo veto ao comércio de petróleo venezuelano com a ilha.

Negociação

O veto foi imposto por Trump depois da captura do ditador Nicolás Maduro. A ilha tem convivido com apagões de até 20 horas diárias, hotéis fechados, voos cancelados e suspensão de coleta de lixo e serviços básicos. O regime cubano negocia com os EUA uma forma de encerrar o bloqueio. Washington tem pressionado países que mantêm relações com a ilha.

Ameaça de Trump

Antes da operação em Caracas, o México também enviava petróleo para Cuba para fins humanitários, mas interrompeu as remessas. Na última segunda (16), Trump voltou a falar publicamente sobre a possibilidade de tomar Cuba. "Ouvi minha vida toda sobre os Estados Unidos e Cuba. 'Quando é que os EUA vão fazer isso?', disse.

Discurso polêmico

"Eu realmente acredito que terei a honra de tomar Cuba", afirmou Trump na Casa Branca. No mesmo dia, o país de 10 milhões de habitantes sofreu um colapso total da rede elétrica e ficou sem luz. O abastecimento só foi normalizado nesta quarta (18).

Por Caio Spechoto (Folhapress)

Ministério da Defesa via Wikimedia Commons



Vladimir Padrino assumirá 'novas responsabilidades'

Delcy demite Ministro da Defesa da Venezuela

Ligado a Maduro, Vladimir Padrino estava no cargo desde 2014

A líder interina da Venezuela, Delcy Rodríguez, destituiu nesta quarta-feira (18) o ministro da Defesa, Vladimir Padrino, que esteve à frente das Forças Armadas chavistas durante mais de uma década. Delcy assumiu funções temporárias após a captura do ditador Nicolás Maduro em uma operação militar dos Estados Unidos em 3 de janeiro. Os militares, pilar do chavismo, expressaram-lhe seu apoio irrestrito e absoluta lealdade na ausência de Maduro.

Vladimir Padrino, 62, estava no cargo desde 2014 e era considerado a peça de Maduro dentro da cúpula militar. "Agradecemos ao G/J [general em chefe] Vladimir Padrino López por sua entrega, sua lealdade à Pátria e por ter sido, durante todos estes anos, o primeiro soldado na defesa de nosso país", escreveu Delcy no Telegram.

"Estamos certos de que assumirá com o mesmo compromisso e honra as novas responsabilidades que lhe serão confiadas", acrescentou, sem dar mais detalhes.

Padrino é acusado de tráfico de drogas nos Estados Unidos, onde o governo oferece uma recompensa de US\$ 15 milhões (R\$ 78,2 milhões) por sua captura. Caracas já rejeitou acusações dos EUA de que altos funcionários se envolvem em atividades ilegais. Em 2020, Padrino chamou de "farsa grosseira" a acusação contra ele.

De acordo com o site Open Sanctions, Padrino é alvo de sanções econômicas e de controles de ativos

estrangeiros por EUA e Canadá.

A líder interina nomeou Gustavo González López para chefiar o Ministério da Defesa. Ele havia sido designado poucos dias após a queda de Maduro como chefe da Guarda Presidencial e da Direção de Contrainteligência Militar.

González López formou-se na Academia Militar em 1982 e entrou para o serviço público em 2006 como presidente do Metrô de Caracas. Depois, ele comandou a 5ª Divisão de Infantaria da Selva e a Milícia Bolivariana, uma força paramilitar criada para controlar dissidentes.

López, que foi alvo de sanções dos EUA e da União Europeia, juntamente com pelo menos outros seis funcionários, por violações de direitos humanos e corrupção, atuou como diretor de inteligência interna da Venezuela até meados de 2024.

Posteriormente, naquele mesmo ano, ele começou a trabalhar com Delcy como chefe de assuntos estratégicos da estatal petrolífera PDVSA, cargo que ela anteriormente supervisionava como ministra da Energia.

Padrino, que também foi alvo de sanções dos EUA por suposto tráfico de drogas e seu apoio a Maduro, chegou a chefiar a seção cerimonial da Guarda Presidencial durante o governo do falecido Hugo Chávez. Mas sua ascensão foi meteórica sob o regime Maduro, que o nomeou ministro da Defesa no final de 2014.

Por Gabriel Barnabé e Douglas Gavras (Folhapress)